

## OPINIÃO

# Vou voltar!

**P**oucos momentos me dão maior satisfação e orgulho, do que assistir ao brilho no olhar, à clareza na voz e ao peito cheio de confiança de um aluno que, após um caminho, por vezes árduo, certamente exigente, recebe o certificado de formação nas mãos. E recebe-o com a plena noção do dever cumprido, com a noção de que concluiu uma jornada de aprendizagem superando as dificuldades iniciais, enfrentando os seus receios, incertezas (ou pré-concebidas ideias de que não seria capaz de lá chegar). E no final descobre que está agora muito melhor preparado para o que supostamente esperam dele mas, essencialmente, descobre onde quer estar ou o que quer fazer.

Entrar numa sala de aula, por vezes só passadas várias décadas desde a última vez que o fizemos, pode ser uma experiência mais ou menos aterradora, até para experientes profissionais: vou estar à altura de acompanhar conceitos, raciocínios, cálculos financeiros, contabilísticos, por exemplo? Como lidarei com a exposição quando praticamos role plays, apresento num pitch com a minha ideia para um negócio ou um processo de melhoria do rendimento da minha equipa? Como lidarei com as minhas fragilidades enquanto líder, ou potencial líder, na minha organização? A minha empresa estará atenta ao meu desempenho enquanto formando, os meus colegas também certamente... E depois, o que pode acontecer? Tantos “ses”, “mas”, “talvez”! Mas não é esse o desconforto que todos deveremos sentir antes de a curva se tornar ascendente? Não foi assim quando éramos jovens estudantes universitários ou pré-universitários? Era certamente, ou pelo menos deveria ser, não estivéssemos nós “em modo automático” a prosseguir um curso que teríamos que terminar com boas notas, ou apenas terminar. Era essa, na altura a nossa missão, a missão que esperavam que cumpríssemos.

Mas, passados vários anos, já revestidos de um conhecimento empírico acumulado, de experiência profissional única, da nossa realidade construída em camadas mais ou menos complexas de projetos, práticas e responsabilidades, regresso a uma sala de aula com outra missão e outra postura. Ou deveria regressar diferente. O tempo é o de parar para alinhar saber acumulado com execução eficiente, refletir e partilhar, conhecer e desmistificar, crescer, ganhar competências (ou descobri-las em mim adormecidas) e, o mais importante em minha opinião, ganhar a confiança necessária para seguir em frente, de cabeça erguida: confiança no saber fazer, aplicar uma nova competência, abraçar um novo desafio trazido pela minha empresa (ou que levarei até ela), ou para o meu próprio negócio. E com a humildade de saber que a viagem não terminará aqui, porque não existem destinos definitivamente alcançados. Há crescimento, saudável ambição, melhoria, alcance e recomeço. Mas há caminho. E este deverá ser feito acompanhado.

E é aqui que entra a formação de executivos. Para, em conjunto, nos fazer pensar, refletir, desconstruir e

construir, ajudar a decidir. As capacidades estão lá todas, acreditem, a nós, na formação de executivos, “resta-nos” mostrar-vos o espelho (depois de limpo e desembaciado) e provocar-vos, provocar-vos muito. Nada, de louvável, se consegue sem esforço. É um esforço, um tormento inicial por vezes, mobilizarmo-nos para voltar à sala de aula, com tantas solicitações profissionais diárias, mas garanto-vos, raríssimos foram os casos em que no final da jornada não ouvisse alto e em bom som, em frente aos colegas, professores, família: Vou voltar. Tenho que voltar! ●

**Entrar numa sala de aula, por vezes só passadas várias décadas desde a última vez que o fizemos, pode ser uma experiência mais ou menos aterradora, até para experientes profissionais**

**PAULO MARTINS**

*Head of Overall  
Solutions Iscte  
Executive Education*

